

Todos chamados à Santidade

Pe. Edilson Rodrigues

A vocação cristã é resposta à vontade geral de Deus que chama cada homem a alcançar a plenitude da vida. O cristão, por tantos meios dados por Deus mesmo, sobretudo pelos Sacramentos, participa da vida divina. Por isso, sua fé deve ser uma fé viva que do início ao fim da vida vai crescendo na tomada de consciência que a essência de sua vocação é a santidade. A santidade não consiste, portanto num mero esforço humano que se dirige para alcançar a Deus, tantas vezes motivado pelo orgulho e pela van glória, mas consiste numa iniciativa do amor de Deus que vem ao encontro do homem, e na resposta humilde e generosa daquele que sabe abandonar a própria existência em Deus mesmo.

O homem foi criado a imagem e semelhança de Deus (Gn 1,26) que é todo Santo. Como imagens do Santo, nós devemos ser santos. A medida da essência dessa Santidade é o próprio Deus. São Pedro recorda isso para a Igreja e a convida a levantar o olhar para o Santo.

Antes como é santo aquele que vos chamou, tornai-vos também vós santos em todo o vosso comportamento, porque está escrito sede santos porque eu sou santo (1Pd 1, 15-16)

Essa exortação do apóstolo São Pedro remete ao Antigo Testamento e nos ajuda a perceber que Deus desde sempre chamou os homens a ser o que ele é, Santo, o povo de Deus tem que ser santo: “Eu sou o senhor que vos tirou do Egito para ser o vosso Deus. Sereis santos porque eu sou santo” (Lv 11, 44-45). São Pedro dirigia-se, portanto aos fieis com uma exortação para que, todas as ações viessem a espelhar a santidade de Deus, lembrando que Deus mesmo escolheu aquele povo, como sacerdócio régio, nação santa, como povo chamado das trevas para a maravilhosa luz de Deus (1 Pd 2, 5).

Jesus mesmo recapitulou o mandamento do Antigo Testamento no sermão da montanha, chamando os discípulos à perfeição do Pai: “ sede perfeitos como vosso Pai celeste é perfeito” (Mt 5, 48). Os teólogos interpretam o sermão da montanha que abrange os capítulos 5, 6 e 7 do evangelho de São Mateus como código de Santidade e como a constituição do reino de Deus. Santo Agostinho comentando o sermão assegura que: “aquele que quiser meditar com piedade e perspicácia o sermão que nosso Senhor pronunciou no monte ai encontrará sem sombra de dúvida a carta magna da vida cristã” (CIC, n 1966).

Justamente o Evangelho das bem aventuranças é proclamado na solenidade de todos Santos, para nos lembrar que as bem aventuranças exprimem o mistério pascal de Cristo, manifestado de modo luminoso na vida dos Santos e lança um convite para despertar em nós o grande desejo de ser como os santos: felizes, por viver próximos de Deus, na sua luz, na grande família dos amigos de Deus, ser Santo significa viver na intimidade com Deus. Entrar na lógica das bem aventuranças significa assumir o estilo de vida de Jesus que reúne em si, todas elas.

Na verdade, o Bem Aventurado por excelência é somente Jesus. Com efeito, Ele é o verdadeiro pobre de espírito, o aflito, o manso, aquele que tem sede e fome de justiça, o misericordioso, o puro de coração, o pacificador, ele sofre perseguição por causa da justiça. As Bem-Aventuranças revelam-nos a fisionomia espiritual de Jesus e assim exprimem o seu mistério, o mistério da morte e da ressurreição, da paixão e da alegria da Ressurreição. Este mistério, que é mistério da verdadeira bem-aventurança, convida-nos ao seguimento de Jesus, e deste modo ao caminho que conduz a ela. Na medida em que aceitamos a sua proposta e nos colocamos no seu seguimento cada qual nas suas próprias circunstâncias também nós podemos participar das Bem-Aventuranças. Juntamente com ele o impossível torna-se possível e até um camelo pode passar pelo fundo de uma agulha (cf. Mt 10, 25); com sua ajuda, somente com sua ajuda podemos tornar-nos perfeitos como é perfeito o Pai celeste (BENTO XVI)¹

Ser Santo é entrar na lógica das bem-aventuranças. A santidade exige um continuo esforço, mas é possível a todos. “ Deus nos deu um grande presente de amor, de sermos todos chamados seus filhos” (1 Jo 3,1). Deus nos amou e em Jesus nos tornou seus filhos. Nossa vida é dom do seu amor. Em Cristo Deus se derramou por nós. Devemos, portanto responder ao grande amor do Pai com uma existência que nos identifique como filhos seus. Quanto mais estivermos unidos a Jesus, tanto mais estaremos no mistério da santidade de Deus. O amor indica um estado continuo de renúncia a si, é preciso perder-se a si próprio, e derramar a existência em Deus, isso constitui a verdadeira santidade.

Para manter vivos a união com o Cristo e o espírito de Santidade, o cristão terá de cultivar uma vida mística, pois a Santidade manifesta-se como uma participação na vida de Deus mesmo, e esta participação na vida de Deus só pode ser plenamente realizada através dos meios oferecidos pela Igreja que é mãe dos santos, e Sacramento de salvação².

¹ Homilia da solenidade de todos os Santos no ano de 2008

² O progresso espiritual tende a união sempre mais íntima com Cristo. Esta união recebe o nome de mística, pois ela participa no mistério de Cristo pelos Sacramentos- os santos mistérios e neles o mistério da Santíssima Trindade. Deus chama a todos a esta íntima união com ele, mesmo que graças especiais ou sinais extraordinários desta vida mística sejam concedidos apenas a alguns, com o objetivo de manifestar o dom gratuito feito a todos. O caminho da perfeição passa pela cruz. Não existe santidade sem renúncia. O progresso

A santidade de Cristo tem sentido e é eficaz porque não ficou enquadrada no passado, mas é uma realidade eterna que atinge e alcança todos os homens de todos os tempos e lugares. Muitos homens e mulheres puseram e põem sua esperança na Santidade que é comunicada por Deus mesmo (Ez 36, 23-28), essa inspiração se realiza em Cristo ele irradia a santidade de Deus, sobre ele repousa o Espírito de santidade, ele reivindica para si o título de santo (cf. Jo 3, 1-15; 1Cor 3, 16-17; Gl 5, 16-25; Rm 8, 8-14), sendo ele o Santo santifica toda a humanidade que se abre a sua graça.

Jesus Cristo tornado Senhor, no mistério de sua páscoa transmite a sua santidade a Igreja por meio dos sacramentos que trazem ao homem a vida de Deus (Mt 13, 24-30; 2, 25, Cl 1, 22; 1 Cor 1, 12). Essa doutrina era tão viva nos primeiros séculos que os membros da Igreja não hesitavam em chamar-se os santos (cf. 2cor 1,12; Rm 15, 26-31; Ef 3,5-8; 4, 12) e a própria Igreja era chamada comunhão dos santos. O concílio Vaticano II reafirmou que a vocação da Igreja é a santidade.

Nós cremos que a Igreja, cujo mistério é exposto neste sagrado concílio, é indefectivelmente santa, na verdade Cristo Filho de Deus, que com o Pai e o Espírito Santo é proclamado o “único santo”, amou a Igreja como sua esposa entregando-se a si mesmo por ela a fim de santificar (cf. Ef 5,25-26, uniu-a a si como seu corpo e enriqueceu-a com o dom do Espírito Santo, para a glória de Deus, por isso todos na Igreja quer pertença a hierarquia, quer sejam dirigidos por ela são chamados à santidade segundo a palavra do apóstolo: “ esta é a vontade de Deus, a vossa santificação (1Ts 4,3; Ef 1, 4). Essa santidade da Igreja incessantemente se manifesta e deve manifesta-se, nos frutos de graça que o Espírito Santo produz nos fieis, exprime-se de muitas maneiras em todos aqueles que, em harmonia com o seu estado de vida, tendem à perfeição da caridade, edificando os outros, mas de modo particular evidencia-se na prática dos conselhos que ordinariamente se chamam evangélicos. Esta prática dos conselhos que por impulso do Espírito Santo muitos cristãos abraçam, quer privadamente, quer numa condição ou estado reconhecido pela Igreja, produz e deve produzir no mundo esplendido testemunho e exemplo da mesma santidade (LG, n 39)

A Igreja não é Santa e pecadora. A Igreja é Santa, toda santa na sua essência, porque sua essência é Cristo. No entanto, esta Igreja santa é formada por pessoas frágeis, sujeitas ao pecado. Na verdade os membros deveriam testemunhar a essência de sua Igreja, conquanto, corre nos séculos da história da Igreja a mancha de todo o tipo de falhas humanas. No século XIII um bispo de Paris, Guilherme de Auvérnia chegou a afirmar que deveria horrorizar a qualquer um a selvageria reinante na Igreja, dizendo: “ isso já não é uma noiva é antes um monstro terrivelmente deformado e feroz”³ . Muitos outros pensamentos se difundiram nesta linha, todavia, tais pensamentos são de origem puramente racional mesclada com a amargura de um coração

espiritual envolve ascese e mortificação que levam gradualmente a viver na paz e na alegria das bem-aventuranças (CIC 2015- 2015).

³ H. U. Von Balthasar, *Casta Meretrix*, na compilação de artigos in *Sponsa Verbi*, 1961.

decepcionado em suas expectativas, que só é capaz de sentir o desmoronamento de sua esperança e afundando no abismo, já não mais é capaz de mergulhar nos mistérios da essência, enquadrando-se nos aspectos tristes e acidentais.

Deus não se deixa vencer pela incapacidade do ser humano. A sua união esponsal com a Igreja não recua diante da infidelidade do ser humano, Deus aceita o ser humano no seu estado pecaminoso e se dirige a ele, oferecendo o seu amor para purificá-lo. A liberalidade da entrega sacrificial de Cristo nunca foi revogado, do mesmo modo a Igreja continua sempre aquela que é santificada por ele e na qual a santidade do Senhor se torna presente entre os homens. É realidade que o pecado marca, fere profundamente. No entanto, Deus se manifesta nesta história marcada pelo pecado, seu amor, sua graça independem da infidelidade do homem. Na verdade as grandes críticas à Igreja são oriundas de um vazio espiritual⁴.

A Igreja vive dentro nós, vive da nossa luta imperfeita pela perfeição, e esta luta só pode existir no dom de Deus que a sustenta. Não pensemos numa Igreja dos “santos”, pensemos numa Igreja santa, e esta Igreja é santa porque recebe do Senhor todo santo o dom da santidade. Permanece viva a exortação de São Pedro para o afastamento de tudo aquilo que impede ou atrapalha a vida de santidade, e a sua proclamação de bem-aventurança para quem é injuriado por levar uma vida de santidade (1Pd 4, 3-4. 14).

A santidade é dom oferecido para que nós voltemos a ser imagem e semelhança de Deus como saímos de suas mãos. A santidade é, portanto, uma configuração tão grande do coração a Cristo, a tal ponto de tudo conformar com alegria e livre entrega a vontade do Senhor, isso incorre num estado de uma comunhão tão íntima que não conhece separação em nenhum momento da existência: “todas as nossas ações hão de espelhar a santidade daquele que nos chamou das trevas à sua luz maravilhosa” (1Pd 2,9). Deus estará em nós e nós estaremos sempre nele, e como São Paulo poderemos dizer: “Eu vivo, mas já não sou eu; é Cristo que vive em mim (Gl 2,20).

Referências bibliográficas

⁴ No fundo é sempre um orgulho escondido que age na crítica amargurada e biliar contra a Igreja, uma crítica que já está começando a tornar-se moda. Infelizmente ela vem acompanhada em muitos casos de um vazio espiritual que nem permite a seu autor enxergar a própria essência da Igreja. Antes ela é vista apenas como entidade de fins políticos, cuja organização é sentida como pateta ou brutal, como se a essência da Igreja não estivesse além da organização, onde há consolo pela Palavra e pelos Sacramentos que ela concede em tempos bons e ruins (RATZINGER, 2012, p 353).

AQUINO, Felipe, **A Vida de Santidade** Disponível em <http://www.CançãoNova.com>

BALTHASAR, Hans Urs Von. **Misterium paschale**, in Compêndio de dogmática histórico-salvífica, III/ 6, Vozes, Petrópolis, RJ, 1974

BERNARD, Charles André, **Introdução à teologia espiritual**, Loyola, São Paulo. SP, 2005

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, Ed Loyolas, São Paulo, 1998.

CONCILIO ECUMENICO VATICANO II constituição dogmática Lumen Gentium paulinas. São Paulo, 1998.

PAPA BENTO XVI, **homilia da festa de todos santos de 2008**, Disponível em http://www.DoctrinaFidei.Va/documents/rc_con_cfaiith/

RATZINGER, Joseph, **Introdução ao cristianismo**, Loyola, São Paulo. SP, 2012.